

[Vai que] e a condicionalidade: *uma análise baseada no uso*

“[Vai que]” and the conditionality: a usage-based analysis

Leyla ELY

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Capes/Proex
CNPq/SWE
leylaely@letras.ufrj.br



Maria Maura da Conceição CEZARIO

Universidade Federal do Rio de Janeiro
CNPq
FAPERJ/CNE
mmcezario@letras.ufrj.br



Resumo: Este artigo trata da análise dos usos da construção [vai que] no português contemporâneo com base nos pressupostos teóricos da Linguística (Funcional) Centrada no Uso, que concebe a gramática como uma rede de construções linguísticas e analisa os objetivos comunicativos dos usuários da língua e o contexto de interação. A partir de uma metodologia qualitativa, analisamos dados instanciados pela construção [vai que] do Corpus do Português, aba Web-dialetos. A análise dos dados revela que há usos mais fixos, com papéis ligados à conexão de orações e com valor mais próximo ao domínio da condicionalidade; e usos mais livres, com valor de marcadores epistêmicos. A pesquisa também mostra que usos mais lexicalizados surgem a partir da frequência de certos usos, como “Vai que cola”, “Vai que rola” e “Vai que dá”.

Palavras-chave: Funcionalismo; conexão de orações; construção vai que.

Abstract: This paper presents an analysis of the uses of the construction [Vai que] (similar to ‘what if’) in Contemporary Portuguese based on the theoretical assumptions of Usage-Based Linguistics, which considers grammar as a network of linguistic constructions, and analyses the objectives of communication between users and the contexts of linguistic production. Based on a qualitative methodology, we studied data instantiated by the construction [Vai que] of the Corpus do Português, Web-

dialects section. Our research shows that there are fixed uses, functioning as connectors of clauses and with value closer to the domain of conditionality; and that there are freer uses, developing roles as epistemic markers. It also shows that more lexicalized constructions arise from the high frequency of certain uses, such as “Vai que cola”, “Vai que rola” and “Vai que dá”.

Keywords: Functionalism; connection of clauses; the construction *vai que*.

1 INTRODUÇÃO

Uma construção em uso que tem nos chamado atenção e que, até o presente, foi pouco estudada em trabalhos linguísticos é *Vai que*, a qual é considerada um operador argumentativo introdutor de estruturas de condição (ANDRADE, 2014). Segundo Neves (2011), o emprego desse conector estabelece relação entre condicionante e condicionado, sem que exista formalmente uma construção condicional (Se p, então q). Vejamos alguns exemplos:

- (01) **Vai que** esse homem leva um tiro. Aí o Brasil vira de cabeça pra baixo de vez. (VEJ apud NEVES, 2011, p. 861, grifos nossos).
- (02) **Vai que** eles tivessem recebido o resgate e, com o dinheiro, financiado uma revolução vitoriosa em El Salvador (VEJ apud NEVES, 2011, p. 861, grifos nossos).

Em (1) e (2), *vai que* atua como operador, encabeçando uma oração com sentido condicional, mas que não apresenta oração principal (cláusula insubordinada¹, nos termos de Rodrigues e Baroni (2021)). As ocorrências enquadram o conteúdo enunciado como hipotético (em (1), havendo a possibilidade de o homem levar um tiro; em (2), vinculando condicionalidade contrafactual do recebimento em dinheiro do resgate), com o verbo das orações nos modos indicativo e subjuntivo, respectivamente. Contudo, há outros usos instanciados por *vai que* os quais ainda não foram analisados por trabalhos de natureza linguística e dos quais este artigo procura dar conta.

Dessa forma, o objetivo desta pesquisa é a descrição e a explicação dos usos do pareamento simbólico das orações iniciadas por *vai que*, considerando fatores cognitivos e pragmáticos. Para isso, seguimos os pressupostos da Linguística (Funcional) Centrada no Uso, que oferece contribuições importantes para que se entendam melhor a cognição humana e os usos linguísticos nos mais variados contextos discursivos (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; HILPERT, 2014; BYBEE, 2010; DIESSEL, 2019; CEZARIO; FURTADO DA CUNHA, 2013; FREITAS JUNIOR; CEZARIO, 2020; OLIVEIRA; ROSÁRIO, 2015). A pergunta principal que pretendemos

¹ Consideramos (1) e (2) cláusulas insubordinadas porque são independentes e, nesses casos, não apresentam qualquer relação com material linguístico anterior à construção. Caso houvesse orações antecedentes, que tivessem relação semântica com a construção *vai que*, chamaríamos de orações desgarradas, conforme Rodrigues (2019).

responder é: como podemos descrever o pareamento simbólico de forma-significado da construção [vai que]?²

Para tanto, este artigo está dividido em seis seções. Na seção “Linguística (Funcional) Centrada no Uso”, discorremos sobre a perspectiva teórica adotada para o desenvolvimento deste trabalho. Na seção “Conexão de orações: desgarramento e insubordinação”, discutimos a integração das orações. Na seção “*Vai que*: estado da arte”, efetuamos revisão de literatura sobre o objeto de pesquisa. Na seção “Procedimentos metodológicos e análise dos dados”, apresentamos breve análise da construção [vai que] do português brasileiro (PB) contemporâneo. E, ao final do texto, tratamos das considerações finais.

2 LINGUÍSTICA (FUNCIONAL) CENTRADA NO USO

Nossa análise é fundamentada nos pressupostos dos Modelos Baseados no Uso, mais particularmente na Linguística (Funcional) Centrada no Uso (doravante LFCU), rótulo usado por linguistas brasileiros (CEZARIO; FURTADO DA CUNHA, 2013; OLIVEIRA; ROSÁRIO, 2015; para citar alguns) para se referirem a um modelo que reúne conhecimentos provindos da Linguística Funcionalista Norte-Americana (GIVÓN, 1995, 2001) e conhecimentos de abordagens construcionistas, sobretudo da Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995, 2019).

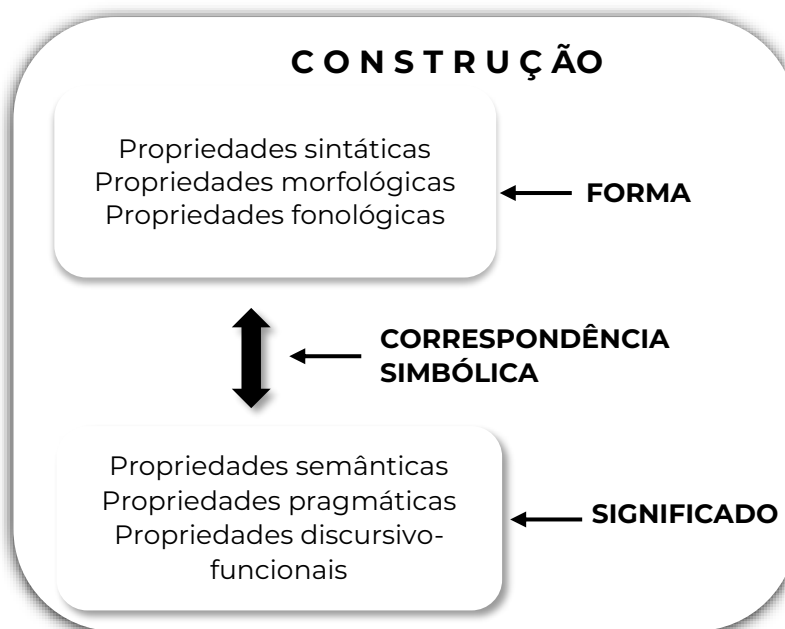
Os Modelos Baseados no Uso tomam o conhecimento linguístico como inventário de construções gramaticais, sendo construção considerada o pareamento simbólico entre forma-significado (GOLDBERG, 1995; BARLOW; KEMMER, 2000; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; HILPERT, 2014). A representação das construções linguísticas dá-se por esquemas cognitivos abstratos, sendo o conhecimento linguístico adquirido e/ou modificado de acordo com as experiências do indivíduo com o mundo (BYBEE, 2010). Nesse sentido, à medida que as categorias linguísticas são empregadas, novos usos emergem e se convencionalizam nas comunidades de fala, tornando-se usos mais produtivos na língua, conforme Traugott e Trousdale (2013). A alta frequência (e consequente produtividade) de uma construção faz com que padrões construcionais se concretizem na língua, licenciando diferentes construtos linguísticos. Por exemplo, o esquema “PREPLOC ADVLOC (SUJ) VP” licencia construções do tipo “até onde (eu) + VP”, em que o *slot* de VP

² Agradecemos aos alunos de Iniciação Científica Juan Lima de Paula e Manuela Amstalden Ambiel, que nos ajudaram na coleta e na análise dos dados.

pode ser preenchido por diferentes verbos, como *saber*, *ouvir*, *lembrar* etc. a depender do contexto discursivo³.

Nesse viés, o estudo dos fenômenos linguísticos deve estar ancorado em diversas situações de interação comunicativa (BARLOW; KEMMER, 2000; BYBEE, 2010), entendendo gramática como uma rede de construções linguísticas, sendo os pareamentos simbólicos de forma e função o que definem as construções. Croft (2001) detalha o pareamento por meio da Figura 1. Observemos que, no plano da forma, estão as propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas e, no plano do significado, estão as propriedades semânticas, pragmáticas e discurso-funcionais, havendo *link* simbólico entre esses planos.

Figura 1 – Definição de construção



Fonte: Adaptado de Croft (2001, p. 18).

De acordo com Traugott e Trousdale (2013), as construções são ligadas entre si a partir de *links* de semelhanças, que podem ser visualizadas na rede esquemática, a qual reflete a natureza taxonômica das relações linguísticas. Nesse sentido, cada construção pode sofrer mudanças na forma ou na função — tais mudanças são denominadas mudanças construcionais por Traugott e Trousdale (2013). Também podem haver mudanças na forma e na função, o que leva a uma nova construção. Construções semelhantes podem variar em termos de estrutura sintática e de significado. A formação

³ O exemplo apresentado faz parte de um trabalho desenvolvido por Ely, em parceria com Ludugério, para a disciplina “Tópicos em Contrastes”.

de uma nova construção na rede esquemática gera um novo *link* simbólico levando a um novo pareamento forma-significado, denominado construcionalização (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). A construcionalização, por sua vez, pode ser seguida por mudanças construcionais, desencadeando a extensão de novas microconstruções.

Essas mudanças podem ocorrer a partir de diferentes processos de domínio geral, como categorização, *chunking*, memória enriquecida, analogia e associações transmodais. A categorização, conforme Bybee (2010), envolve um processo pelo qual palavras e sintagmas são reconhecidos e associados a representações já existentes na memória do falante, que reconhece e assimila o novo uso com uma forma anteriormente estocada na sua mente. Já o *chunking* é um modo de agrupamento de sequências de unidades que se combinam para formar unidades mais complexas, sendo um processo cognitivo essencial para explicar formações de construções. A memória enriquecida diz respeito à “estocagem mental de detalhes da experiência com a língua, incluindo detalhes fonéticos para palavras e sintagmas, contextos de uso, significados e inferências associadas a enunciados” (BYBEE, 2016, p. 27). As formas linguísticas são representadas na memória por exemplares construídos a partir da experiência linguística, e, quando novos enunciados são criados com base em expressões de experiências prévias, temos um processo de analogia — os construtos anteriormente utilizados passam por categorização, uma vez que são analisados pelos indivíduos em unidades agrupadas, formando, assim, novas construções linguísticas. E, por fim, temos a associação transmodal que, como argumenta Bybee (2010), refere-se à capacidade dos usuários de relacionarem o elo construcional, isto é, de executarem o pareamento entre forma e significado de determinada construção.

Os mecanismos cognitivos são ativados no uso da construção [Vai que]_{CONNECT}, que estabelece *links* de forma e função com a rede construcional de [X que]_{CONNECT}. De acordo com Cezario, Silva e Santos (2015), a construção [X que]_{CONNECT} vem ampliando sua produtividade e sua esquematização desde o português moderno, com a formação de microconstruções como *sempre que*, *mesmo que* e *vai que*. A análise dos dados permite verificar que, no PB, *vai que* é uma construção com papel que vai além dos conectivos prototípicos⁴ (MARTELOTTA, 1994). Essa discussão é feita na seção “*Vai que*: estado da arte”.

⁴ Entendemos por conectivos prototípicos o componente gramatical empregado para ligar sintaticamente duas orações, como no caso da relação entre a oração subordinada e a principal.

3 CONEXÃO DE ORAÇÕES: DESGARRAMENTO E INSUBORDINAÇÃO

Discorrer sobre o processo sintático de integração das orações sob a perspectiva funcionalista requer revisão da dicotomia entre subordinação e coordenação feita pela gramática tradicional. De acordo com Oliveira (2014), a presença de conectivos, para as gramáticas normativas (BECHARA, 2009; ROCHA LIMA, 2011 [1972]), é vista como o componente gramatical definidor da relação entre a oração subordinada e a principal. Nesse sentido, conceituam-se as conjunções e as locuções conjuntivas subordinadas pela relação da oração adverbial em termos de dependência sintática. Contudo, como aponta Oliveira (2014), essa definição apresenta problemas, pois a relação de dependência não ocorre de forma transparente, principalmente, ao considerarmos o uso interativo da língua.

Hopper e Traugott (1993) apresentam um *continuum* de vinculação entre construções complexas, uma vez que a subordinação e, também, a coordenação não podem ser entendidas de forma dicotômica — relação de dependência ou independência, respectivamente. Apresentamos abaixo o Quadro 1, que ilustra essa questão:

Quadro 1 – *Continuum* – dependência/encaixamento + dependência/encaixamento

	Parataxe (independência)	Hipotaxe (interdependência)	Subordinação (dependência)
Dependência	-	+	+
Encaixamento	-	-	+

Fonte: Baseado em Hopper e Traugott (1993).

Como se pode ver, os autores propõem uma gradação que envolve graus de integração sintática diferenciados (mais e menos encaixamento) distribuídos em níveis de maior e menor dependência semântica (HOPPER; TRAUGOTT, 1993), pelos quais se distinguem os processos sintáticos de parataxe, hipotaxe e subordinação. Todavia, há ainda dois outros processos de integração de orações, nomeados de insubordinação e/ou desgarramento⁵, os quais estabelecem independência e/ou dependência semântica e não encaixamento sintático entre orações, como apontam Rodrigues e Fonseca (2019). Esses processos, como afirmam Coradini e

⁵ Neste artigo, estamos adotando a visão de Decat (2009) e de Rodrigues e Fonseca (2019), que distinguem os processos de desgarramento e insubordinação. Na perspectiva dessas autoras, as estruturas desgarradas possuem alguma vinculação com material precedente — que pode ser cotextual ou contextual —, relacionando-se pragmaticamente com a estrutura, por meio de inferência; já a insubordinação é totalmente independente e não apresenta relação com material linguístico anterior, como argumenta Rodrigues (2019).

Hirata-Vale (2021), não se enquadram na tradicional dicotomia de articulação de orações subordinação-coordenação.

O processo de insubordinação, segundo Rodrigues e Baroni (2021), pode ser explicado por duas frentes: (i) padrão sincrônico, em que cláusulas independentes são estruturalmente semelhantes às subordinadas; (ii) padrão diacrônico, o qual dá origem ao status de independência. A diferença entre ambos os padrões é que, no primeiro caso, argumenta-se que as cláusulas insubordinadas já nascem de forma independente (DECAT, 2009); ao passo que, no segundo caso, o processo de insubordinação seria originado pela elipse clausal (EVANS, 2007). Segundo Hirata-Vale (2017), as insubordinadas são construções em que a oração principal não é realizada, sendo completas sintática, semântica e pragmaticamente. A partir de ambos os pontos de vista, Rodrigues e Baroni (2021, p. 142) caracterizam a insubordinação como:

[...] uma cláusula que funciona como unidade informacional, cuja interpretação é feita inferencialmente, com base no conhecimento de mundo dos falantes na situação comunicativa e na frequência de uso da cláusula, já que não há material linguístico a ser recuperado antes dela.

Além da insubordinação, Rodrigues e Baroni (2021) trabalham com a noção de desgarramento. Segundo as autoras, “pode-se dizer que uma cláusula desgarrada é uma unidade informacional que se materializa à parte e que se relaciona com algum material linguístico a ser recuperado em porção textual adjacente” (RODRIGUES; BARONI, 2021, p. 142). Para Decat (2009), uma estrutura desgarrada é aquela que “ocorre de forma livre, autônoma, já produzida [...] como um enunciado independente” (DECAT, 2009, p. 18). Segundo a autora, não é mais possível que tenhamos uma oração desgarrada “sem que haja um cotexto/contexto com que ela se relacione” (DECAT, 2009, p. 36), ou seja, a cláusula desgarrada tem ligação com o que foi dito anteriormente. Assim, é preciso que ocorra porção textual antes da oração independente para que esta seja considerada desgarrada.

Para exemplificar a diferença entre insubordinação e desgarramento, apresentamos duas ocorrências de Rodrigues e Baroni (2021), retiradas de posts do Facebook:

- (03) Que a noite seja leve e os sonhos sejam reais (RODRIGUES; BARONI, 2021, p. 148).
- (04) Estamos aqui para sarar e não ferir. Para amar e não odiar. Para criar e não destruir! (RODRIGUES; BARONI, 2021, p. 149).

Conforme as autoras, (3) refere-se a uma construção completiva insubordinada, já que não apresenta material linguístico antecedente, e (4) caracteriza-se pelo desgarramento, visto que as construções circunstanciais “para amar e não odiar” e “para criar e não destruir!” fazem referência ao porquê de se estar aqui, ou seja, para sarar e não ferir, para amar e não odiar e para criar e não destruir (RODRIGUES; BARONI, 2021).

Assim, o que distingue uma cláusula insubordinada de uma desgarrada é a interpretação que será feita ou inferencialmente — com base no conhecimento do mundo dos envolvidos na interação — ou pela presença de material linguístico em discurso adjacente a ser recuperado pelo falante, respectivamente. A seguir, discorreremos sobre a construção [vai que], que compõe o esquema [X que]_{CONNECT}, sendo o foco deste trabalho os usos de *vai que*.

4 VAI QUE: ESTADO DA ARTE

De acordo com Longhin-Thomazi (2010) e Andrade (2012, 2014), *vai que* passou por um processo de gramaticalização, ou, nos termos atuais, sofreu construcionalização gramatical, já que ocorreram mudanças tanto na forma quanto na função do item. O verbo *ir* perdeu características lexicais e, nesse caso, passou a assumir função gramatical de conjunção, como na ocorrência abaixo:

- (05) Espero que esse processo se desenrole logo pq meu sonho é ser policial, já estou com 28 anos e **vai que** esse processo de efetivar da certo mas só para quem só tem até 30 anos, daí muitos vão se ferrar. (CORPUS DO PORTUGUÊS, 2021, grifos nossos).

No dado acima, *vai que* abre um espaço para o possível, em que “o processo de efetivar” pode acontecer ou não, além de haver uma expectativa por parte do falante em relação ao que está sendo dito. Logo, (5) estabelece *link*⁶ com a condicionalidade, já que apresenta hipótese passível de concretização, como argumenta Longhin-Thomazi (2010).

Sob essa perspectiva, inferimos que *vai que* possui vínculo semântico com a condicionalidade, uma vez que as construções com sentido condicional são aquelas que, normalmente, apresentam uma relação de causa-consequência, a nível sintático-semântico, e uma hipótese, a nível semântico-pragmático (NEVES, 2011). Quanto às condicionais insubordinadas, Coradini e Hirata-Vale (2021) argumentam que podem

⁶ A literatura construcionista estabelece que há vários tipos de *links*, além dos *links* simbólicos. No caso do exemplo dado, *link* refere-se às relações construcionais, que também estabelecem ligações semânticas e/ou formais entre construções (DIESSEL, 2019) — neste trabalho, as construções do domínio condicional.

exibir dois padrões sintáticos: [se SV SN] e [se SN SV]⁷. Para as autoras, “[d]o ponto de vista funcional, percebe-se claramente que o falante manifesta, nas relações dialógicas entre os interlocutores, sua atitude subjetiva e sua avaliação em relação à proposição e à estrutura discursiva” (CORADINI; HIRATA-VALE, 2021, p. 331), semelhantemente ao que ocorre com alguns usos da construção [vai que].

Sobre *vai que*, é importante ressaltar que, após construcionalização, o verbo *ir* passou a ser empregado para manifestar a subjetividade e a atitude do falante, que remetem à possibilidade do vir a ser. É a partir da transferência metafórica de “projeção do corpo para frente” que o verbo passa a designar conceitos mais abstratos como o de tempo futuro junto ao posicionamento do interlocutor de forma projetiva, conforme Andrade (2014, p. 3), e, ao se juntar ao pronome relativo “que”, forma novo *chunk*. Neste trabalho, concentramo-nos exclusivamente no *chunk vai que*, o qual, como argumentado por Neves (2011), atua frequentemente como operador argumentativo⁸ introdutor de construções com sentido condicional, como em:

(06) E depois nos conte o pq de a cesárea, o que está acontecendo. **Vai que** tem alguém nessa mesma situação e vc pode ajudar? Ou não, não sei. Conte se vc quiser tbm! (CORPUS DO PORTUGUÊS, 2021, grifos nossos).

(07) Não que não se deva, mas o conselho para iniciantes é começar pelo mais simples, mas **vai que** você é super talentosa e já sai dando show de produtividade não é? (CORPUS DO PORTUGUÊS, 2021, grifos nossos).

Em (6) e (7), *vai que* estabelece relação morfossintática entre as orações e perde *status* de núcleo verbal da oração, atuando como conector, conforme aponta Andrade (2012). Em nível semântico-pragmático, o conector introduz uma hipótese manifestada pelo interlocutor, que faz uma conjectura negativa ou positiva (nesse caso, em (6), estar na mesma situação; e, em (7), ser talentosa) sobre o que está expresso na oração antecedente (em (6), contar sobre a cesárea; e, em (7), dar conselho para iniciantes). A oração antecedente, em (7), está funcionando como estratégia de preservação de face por parte do falante ao dizer que “não que não se

⁷ Essa afirmação é feita com base nos resultados obtidos pelas autoras sobre a análise de construções condicionais insubordinadas com o conector *se* em *corpora* diacrônicos, entre os séculos XVI e XX, do PB.

⁸ Segundo Martelotta (2004, p. 107), os “operadores argumentativos são elementos que, além de desempenhar funções de caráter basicamente gramatical, dão uma orientação argumentativa ao discurso”. Referem-se a elementos mais fixos na cláusula, tendo como função a organização interna do uso língua. Nas palavras de Espíndola (2004), os operadores podem ser elementos que articulam os enunciados, de maneira a determinar a sua orientação argumentativa, ou aqueles que possuem a função de inserir argumentatividade na estrutura semântica das frases.

deva, mas o conselho para iniciantes é....”; já em (6), vemos essa estratégia na oração seguinte “Ou não, não sei”. O falante, de certo modo, isenta-se da responsabilidade do que foi enunciado, flexibilizando o conteúdo da proposição.

Assim, a construção [vai que] representa projeções futuras abstratas feitas pelo falante, que são motivadas cognitivamente, pois “o indivíduo toma como referência a própria experiência, nesse caso, ele observa que *ir*, por representar referencialmente um deslocar-se para frente, o indivíduo o associa analogicamente a uma projeção abstrata de futuro” (ANDRADE, 2014, p. 7). Esse tipo de construção serve para que o falante manifeste, por meio da subjetividade, crenças e expectativas e, a partir delas, tente convencer o interlocutor a aderir sua opinião.

A seguir, apresentamos os procedimentos metodológicos e a análise realizada sobre a construção em foco.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DOS DADOS

Como dito na introdução deste trabalho, nosso foco de investigação são os usos da construção [vai que]. Realizamos uma análise qualitativa de um conjunto dos 100 primeiros dados fornecidos por uma pesquisa no *Corpus* do Português, aba Web. Nessa análise, atentamo-nos para o contexto de ocorrência de cada dado, observando a vinculação semântico-pragmática e sintática com a oração antecedente à oração com *vai que*, de modo a entender o seu uso como desgarrada ou insubordinada; a presença ou ausência de sujeito na oração iniciada por *vai que*; e a função semântico-pragmática dessa oração no discurso.

A seguir, discutiremos os usos da construção [vai que]. Vejamos alguns dados:

- (08) Mas, depois de ouvir alguns amigos, achou que não era para tanto. Mais seguro na profissão, atualmente, ele faz do bom humor sua estratégia e brinca com a possibilidade de se aventurar na vida real. “« Por que não? **Vai que** alguém quer companhia para assistir a um filme ou a uma peça bacana e comer em um restaurante maneiro, acho que não teria qualquer problema ”», brincou. (CORPUS DO PORTUGUÊS, 2021, grifos nossos).
- (09) Mas apesar de todas as indicações, meu conselho é: seja curiosa! Viu uma loja ou marca que nunca ouviu falar? Entre, pegue em a mão, teste em a pele, seja cara de pau mesmo. **Vai que** encontra seu novo queridinho!. (CORPUS DO PORTUGUÊS, 2021, grifos nossos).
- (10) [...] enquanto imagens de Obama explodem na tela. Ainda bem que o Bono não viu. Ele poderia ter uma idéia, o que, no caso dele, é constrangedor. **Vai que** ele decide se colocar como embaixador universal

dos valores americanos do governo Barack Obama? Ser o Gilberto Gil do governo Obama? (CORPUS DO PORTUGUÊS, 2021, grifos nossos).

Apesar de as ocorrências acima se ligarem aos condicionais prototípicos (do tipo [Se p, q]), elas possuem características formais e funcionais bem próprias. *Vai que* funciona como operador argumentativo, selecionando estruturas desgarradas⁹, cujas orações, mesmo sendo sintaticamente independentes, vinculam-se semanticamente à oração anterior, como em (8), (9) e (10). Além disso, em (8), temos uma suposição para a possibilidade de o interlocutor se aventurar na vida real, sendo que isso não geraria qualquer problema caso alguém assim o quisesse; em (9), a condicionalidade pode ser recuperada pela suposição feita pela locutora de o interlocutor encontrar o perfume favorito; em (10), o uso de *vai que* funciona como estratégia argumentativa sobre o que foi dito anteriormente, por meio de uma hipótese sobre a possibilidade de Bono se colocar como embaixador dos EUA. Tais construtos estabelecem *link* semântico com o domínio condicional, porque se encontram em contextos de possibilidade, dúvida e/ou incerteza, por exemplo.

Usos de *vai que* semelhantes aos dados anteriores podem ser vistos abaixo, os quais funcionam como estratégia para o locutor fazer um comentário sobre o que está sendo dito:

- (11) Sem necessidade de resoluções ou ameaças. Combinado? 1º fato invisível: Quem faz o parto é a mulher Lindo cartaz feito por a designer Thalita Dol Essinger para a Marcha para Humanização do Parto. A protagonista do parto é a mulher. Que fique claro: a gestante (sei lá, **vai que** entendem que é a doula ou a parteira!). O papel da equipe -- incluindo do médico -- é permitir que a mulher "« faça "» o parto: dilatando, se abrindo, expulsando o bebê e depois a placenta. (CORPUS DO PORTUGUÊS, 2021, grifos nossos).
- (12) A exigência é nossa. Cobramos demais, sim. Mas de nós mesmos. Um mundo de gente rica, elegante e sincera. E é claro que devemos fazer parzinho com alguém a altura. Ou mais alto que a gente... (porque **vai que** a gente não consegue chegar lá, né?). Só que a gente não é só rico, elegante e sincero. (CORPUS DO PORTUGUÊS, 2021, grifos nossos).
- (13) Vejo que agora existem bem mais opções no mercado. Tenho uma filha que já vai completar 6 e um menino de 3 então já saí dessa vida de fraldas há algum tempo:) Mas acho bem válida essa escolha -- acho que mais mulheres deveriam, pelo menos, testar o uso de esse tipo de fralda. **Vai que** pegam gosto, né? * rs Beijão. (CORPUS DO PORTUGUÊS, 2021, grifos nossos).

Em (11), (12) e (13), *vai que* é usado como um adendo sobre o que o locutor havia falado anteriormente para reforçar seu ponto de vista. Além

⁹ *Vai que* também pode introduzir orações insubordinadas, como nos exemplos (1) e (2) da introdução.

disso, é interessante notar que, nas duas primeiras ocorrências, utilizam-se parênteses como marcação do comentário feito sobre a oração antecedente. As ocorrências são desgarradas (isto é, não apresentam oração principal) e, portanto, estabelecem relação semântica com a oração antecedente, denotando uma suposição para o que foi enunciado. Em (11), o falante esclarece que ele está se referindo à gestante, uma vez que supõe que seu interlocutor poderia entender que o referente da proposição seria a doula ou a parteira; em (12), o falante utiliza a oração com *vai que* como argumento para justificar sua ideia sobre relacionamentos, supondo que não se consiga alcançar o almejado e, portanto, o indivíduo poderia querer alguém “acima de seu nível”; de forma semelhante, em (13), o falante argumenta sobre o uso de uma fralda específica, persuadindo seu interlocutor a testá-la, mesmo que atualmente não necessite mais comprá-la, já que seus filhos estão crescidos.

De acordo com as ocorrências apresentadas, podemos afirmar que o usuário utiliza a construção hipotética como forma de prever a avaliação ou o entendimento do interlocutor sobre o que estava sendo dito e de amenizar a força discursiva de sua opinião, exercendo papel de preservação de face (ANDRADE, 2014). Essa preservação de face pode ser melhor entendida em (13), por exemplo, quando a locutora, que tem dois filhos e passou pela experiência da maternidade, tenta convencer seus interlocutores a testar outras fraldas. A falante suaviza a força ilocucionária de forma a proteger sua face, já que seus filhos não têm mais idade para usarem fraldas — como dito: “já saí dessa vida de fralda há algum tempo” —, o que poderia fazer com que a argumentação fosse invalidada.

Os usos de *vai que*, nos dados apresentados até o momento, podem ser representados da seguinte forma: [Vai que_{CONNECT} (SUJ) + SV¹⁰], cujo esquema licencia outras ocorrências com *vai que*. É o caso de construtos que parecem estar mais idiomáticos, como em:

- (14) Gatinha! Olha mais uma aqui... flabv... pegava fácil. Olha a outra falando abobrinha e xingando o DJ de a boate. Xi, reclamando que não pegou ninguém ainda. Pelo menos também tá bêbada, hehe. Acho que vou dar meu celular pra ela. **Vai que cola.** Ô, loco! O chat de o facebook, lotado. Essa galera não tem vida social, não? (CORPUS DO PORTUGUÊS, 2021, grifos nossos).
- (15) Porem, apesar de achar a idéia ótima, concordo com você que provavelmente é inviável. Mas, to dando meu apoio pra eles assim mesmo. **Vai que rola** rsrs. Exato, embora seja óbvia a vantagem de poder trocar partes, é igualmente óbvio que isso pode fazer os celulares dobrarem de tamanho. Se hoje eles são tão finos e leves é porque as peças são todas

¹⁰ SUJ é usado para representar o sintagma nominal (sujeito); e SV, para representar o sintagma verbal.

soldadas em um bloco só, cuja tampa nem é removível. (CORPUS DO PORTUGUÊS, 2021, grifos nossos).

- (16) O segundo critério é ainda mais preocupante, apesar de ser o carro chefe de quem hoje comanda a CBF: o populismo. A direção da entidade optou por o caminho mais fácil e simplesmente jogou para a galera. O terceiro critério é o famoso "« **vai que dá**, né? ". (CORPUS DO PORTUGUÊS, 2021, grifos nossos).

Em (14), (15) e (16), parece que temos usos mais emancipados, que constituem unidade de sentido distintas de [Vai que _{CONNECT} (SUJ) + SV], pois tais ocorrências não apresentam sujeito e, tampouco, funcionam como operadores argumentativos, apesar de sua função ainda poder ser recuperável (e, por isso, seriam licenciados por [Vai que _{CONNECT} (SUJ) + SV]). *Vai que cola*, *vai que rola* e *vai que dá* são construtos mais idiomatizados e altamente subjetivos. Nesses casos, há agrupamentos, *chunks*, que são acessados como um todo (bloco) na mente do falante, constituindo novos sentidos, que formam a construção [Vai que V¹¹]. Defendemos tal declaração porque, numa análise preliminar do *Corpus* do Português, vimos que o número dessas ocorrências é significativo, tem se tornado cada vez mais produtivo e, assim, abre espaço para outros verbos no preenchimento do *slot* de V em [Vai que V], como: *funcionar*, *ajudar*, *conseguir* etc., apesar destes ainda apresentarem baixa frequência.

Do ponto de vista semântico-pragmático, o falante projeta uma ideia ancorada na possibilidade de o que está aventado na oração antecedente funcionar, por exemplo: presentear a pessoa com o celular para conseguir algum tipo de vantagem (14). Por outro lado, em (15), vê-se uma projeção sobre a possibilidade de o fato apresentado na oração antecedente acontecer, isto é, a execução da ideia dada. E, em (16), *vai que* projeta uma ideia sobre o funcionamento da CBF, a qual o falante nomeia de "terceiro critério", sendo uma tentativa/possibilidade para algo de fato acontecer. Tais usos marcam a subjetividade do falante e, mais uma vez, parecem flexibilizar a informação referente ao escopo das orações, tal qual os anguladores (ALMEIDA, 2009).

Outro uso de *vai que* encontrado em nossa amostra de dados refere-se a:

- (17) Bem, como falei ali em cima, realmente eu não sei o que se passa na cabeça de uma pessoa que usa uma abreviação desse tipo e não quero tão cedo saber. **Vai que...** sei lá! Vamos para o próximo item. (CORPUS DO PORTUGUÊS, 2021, grifos nossos).
- (18) Tento nem pensar na Síria, no festival de Veneza. Penso que tenho que ir ao banco, transformar os dólares em reais para tampar os buracos. Mande

¹¹ V é utilizado para representar a função de verbo.

email para a gerente assuntando um empréstimo. **Vai que...** Penso que preciso trabalhar mais para ganhar mais e juntar dinheiro de novo. De aí que queria mesmo ir a Marte. (CORPUS DO PORTUGUÊS, 2021, grifos nossos).

Vai que, nesses casos, é empregado como modalizador, em que se deixa em aberto um espaço para o interlocutor inferir o conteúdo com base no que foi dito anteriormente. *Grosso modo*, a modalização é um mecanismo para o locutor deixar sua subjetividade, como estratégia semântico-argumentativa e pragmática (NASCIMENTO; SILVA, 2012). No caso de *vai que*, vemos o locutor transmitir sua crença e/ou expectativa sobre o conteúdo enunciado. O contexto discursivo de (17), especificamente, é sobre um *post* acerca de abreviações feitas no uso de aplicativos como WhatsApp, Instagram, Messenger etc. O autor do *post* pede para que seu público escreva quais são as abreviações mais difíceis/estranhas que já leram. Nesse sentido, *vai que* é empregado como forma de modalizar o argumento sobre o porquê de o autor não querer saber o uso de certas abreviações. Em (18), por outro lado, *vai que* é utilizado como uma possibilidade sobre o referido empréstimo, sendo que a possibilidade de o empréstimo ser concedido ou não fica como interpretação aberta à inferência do interlocutor.

Como já apontado por Andrade (2012, p. 7), *vai que* pode manifestar “atitude subjetiva por parte do interlocutor” e, também, “a construção representa um argumento codificado em uma suposta condição para que o interlocutor possa mudar seu comportamento aderindo à opinião de quem enuncia”. Pensando nos dados de (17) e (18), entendemos que, nessas ocorrências, *vai que* forma novo *chunk*, representado por [Vai que Ø¹²], sendo seu uso diferente das construções [Vai que _{CONNECT} (SUJ) + SV] e [Vai que V]. Outros exemplos que reforçam nossa argumentação são:

- (19) “Falar de seguro é complicado viu, é um assunto que ninguém gosta, mas não tem como evitar, porque você pode estar saindo da sua garagem apertada **vai que...** Ou você está andando na sua rua numa boa **vai que...** Ou sei lá, você chega em casa de viagem, abre a porta e **vai que...** Ou até mesmo dormindo, naquele soninho gostosinho, **vai que...** Agora, a verdade é que pode acontecer até num churrasco. Você está ali no fogo e... Por isso faça um seguro da Bradesco Seguros porque afinal, **vai que**, né, você sabe...” (ANDRADE, 2012, p. 7, grifos nossos).

Como podemos ver, *vai que*, em (19), abre espaço para a interpretação do interlocutor sobre o que está sendo dito e, em outras palavras, lança mão de uma hipótese a ser preenchida pelo ouvinte (no caso

¹² Ø é usado para representar apagamento da oração.

de acontecer algo por conta da garagem apertada, ou quando alguém estiver andando na rua etc.). Com base nisso, entendemos que há um apagamento da oração, em que *vai que* passa a desempenhar função mais discursiva. Vale ressaltar que, nesses casos, a construção já não tem mais propriedades de conectivo, que liga sintaticamente duas orações.

Quanto à representação mais abstrata das construções em estudo neste artigo: [Vai que_{CONNECT} (SUJ) + SV]. [Vai que V] é um subesquema advindo do esquema geral, em que *vai que rola*, *vai que cola* e *vai que dá* parecem ser ativados na mente do indivíduo como um bloco formador de sentido (*chunk*). Nossa hipótese, portanto, é de que construções do tipo [Vai que V] formam uma nova construção, com significado particular. Todavia, os usos de [Vai que_{CONNECT} (SUJ) + SV] parecem estar mais próximos ao sentido condicional, pois estabelecem relação sintática e/ou semântica entre condicionante e condicionado, conforme Neves (2011).

Retomando a pergunta feita na introdução deste trabalho, “como podemos descrever o pareamento simbólico de forma-significado formador da construção [Vai que]?”, entendemos que o pareamento da construção se dá:

- a) por aspectos formais, que dizem respeito à organização sintática, ou seja, *vai que*, em construções do tipo [Vai que_{CONNECT} (SUJ) + SV], atua sintática e semanticamente como operador argumentativo e como marcador epistêmico, encabeçando frequentemente orações subordinadas e/ou desgarradas. Por outro lado, consideramos que os usos da construção [Vai que V], como *vai que cola*, *vai que rola* e *vai que dá*, são mais idiomatizados;
- b) por aspectos funcionais, os quais imprimem a atitude do indivíduo acerca do que diz, deixando marcas de sua subjetividade e lançando mão de uma possibilidade/hipótese/suposição e de uma expectativa, e funcionam como estratégia para reforçar a sua argumentação.

Corroboramos essas considerações com argumentos de Andrade (2019, p. 155), que afirma que:

No uso de *vai que*, o falante/escrevente não somente manifesta uma visão subjetiva ao exprimir uma suposição ou probabilidade de que sua proposição pode ser verdadeira ou não, mas também, direta ou indiretamente, exerce alguma influência sobre o ponto de vista do ouvinte/leitor, de modo a concordar com o pensamento do falante/escrevente como uma espécie de justificativa para sua tomada de decisão.

O grau de subjetividade de *vai que* parece ser, portanto, um fator importante a ser analisado, assim como o papel intersubjetivo dessas construções. Contudo, pretendemos aprofundar tal questão em trabalhos

futuros, bem como sua relação com o tipo de modalidade (no caso, a epistêmica).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de análise apresentada não é categórica e exaustiva, principalmente por se tratar de uma investigação inicial sobre o fenômeno em estudo. O intento deste trabalho foi, à luz da perspectiva da LFCU, explicar quais motivações sintáticas e semântico-pragmáticas orientam os falantes a empregarem construções do tipo “[Vai que_{CONNECT} (SUJ) + SV]”.

A construção [Vai que_{CONNECT} (SUJ) + SV] já está convencionalizada na língua e assume função de operador argumentativo e/ou marcador de epistemicidade, além de significar possibilidade, hipótese e suposição, ligando-se ao domínio condicional, do ponto de vista semântico. Assim, os construtos advindos de [Vai que_{CONNECT} (SUJ) + SV] são usados para codificar a argumentatividade do interlocutor e flexibilizar o que foi dito, apresentando projeções e hipóteses sobre a cláusula ou sobre a oração antecedente. Dessa forma, *vai que* normalmente é usado como estratégia de flexibilização e como forma de projetar uma possibilidade sobre o que foi dito.

Para trabalhos futuros, pretendemos analisar a construção [vai que] a partir de uma metodologia qualiquantitativa, para que possamos confirmar algumas das hipóteses aqui apresentadas e fazer um cruzamento dos fatores analisados.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. L. L. Processo de Mesclagem em Anguladores no Português do Brasil. **Veredas**, Juiz de Fora, v. 3, n. 1, p. 129-142, 2009.
- ANDRADE, M. A. da S. O uso das construções *vai ver* e *vai que* no discurso. *In*: JORNADA NACIONAL DO GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO NORDESTE, 14., 2012, Natal. **Anais** [...]. Natal: GELNE/UFRN, 2012. p. 1-9.
- ANDRADE, M. A. da S. Gramaticalização: (inter)subjetivização e modalização nas estruturas *vai ver* e *vai que*. *In*: CONGRESO INTERNACIONAL ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA DE AMÉRICA LATINA, 17., 2014, João Pessoa. **Anais** [...]. João Pessoa: ALFAL, 2014. p.1-10.
- ANDRADE, M. A. da S. Aspectos semântico-discursivos das construções *vai que* e *vai lá*. *In*: SILVA, J. R.; GOMES, D. M. (org.). **Análise linguística em perspectiva funcional**. 1. ed. Natal: EDUFRN, 2019. p. 134-162.
- BARLOW, M.; KEMMER, S. Introduction: A Usage-based Conception of Language. *In*: BARLOW, M.; KEMMER, S. **Usage Based Models of Language**. Stanford: CSLI Publications, 2000. p. 20-40.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BYBEE, J. **Language, Usage and Cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- BYBEE, J. **Língua, uso e cognição**. Trad. Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.
- CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (org.). **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad-X, 2013.
- CEZARIO, M. M. C.; SILVA, T. S.; SANTOS, M. Formação da construção [Xque]CONNECT no português. **Revista do Curso de Letras** (UNIABEU), Nilópolis, v. 6, n. 3, set./dez. 2015.
- CORADINI, M. C.; HIRATA-VALE, F. B. de M. Os estágios de insubordinação em construções condicionais com a conjunção 'se' no português: evidências históricas. **Working Papers em Linguística**, Florianópolis, v. 22, n. 2, 2021. Disponível em: <https://www.researchgate.net/deref/http%3A%2F%2Fdoi.org%2F10.5007%2F1984-8420.2021.e75334>. Acesso em: 10 jan. 2023.
- CROFT, W. **Radical Construction Grammar: Syntactic Theory in Typological Perspective**. Oxford: Oxford University Press on Demand, 2001.
- DECAT, M. B. N. Estruturas “desgarradas” em foco: a função focalizadora de orações em sua ocorrência sem a oração-matriz, no português falado e escrito. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 6., 2009, Campinas. **Anais** [...]. Campinas: ABRALIN, 2009. p. 2141-2151. Disponível em:

http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009/PDF/Maria%20Beatriz%20Nascimento%20Decat.pdf. Acesso em: 10 abr. 2023.

DIESEL, H. **The Grammar Network**: How Linguistic Structure is Shaped by Language Use. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

ESPÍNDOLA, L. **A entrevista**: um olhar argumentativo. João Pessoa: ADUFPB, 2004.

EVANS, N. Insubordination and its Uses. *In*: NIKOLAEVA, I. (ed.). **Finiteness**: Theoretical and Empirical Foundations. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 366-431.

FREITAS JUNIOR, R. de; CEZARIO, M. M. da C. Linguística Funcional Centrada no Uso e interfaces. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, 6-15, 2020.

GIVÓN, T. **Functionalism and Grammar**. New York: John Benjamins Publishing Company, 1995.

GIVÓN, T. **Syntax**: A Functional-typological Introduction. Amsterdam: John Benjamins, 2001. 1. v.

GOLDBERG, A. E. **Constructions**: A Construction Grammar Approach to Argument Structure. Chicago: Chicago University Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. **Explain me this**: Creativity, Competition, and the Partial Productivity of Constructions. Princeton: Princeton University Press, 2019.

HILPERT, M. **Construction Grammar and its Application to English**. Edinburg: Edinburgh Textbooks on the English, 2014.

HIRATA-VALE, F. B. de M. Construções condicionais insubordinadas no português: usos metatextuais. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 46, n. 1, p. 83-97, 2017.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. **Grammaticalization**. Cambridge: University Press, 1993.

LONGHIN-THOMAZI, S. R. 'Vai que eu engravidou de novo?': gramaticalização, condicionalidade e subjetividade. **Lusorama**, São Paulo, v. 81-82, p. 135-150, 2010.

MARTELOTTA, M. E. **Os circunstanciadores temporais e sua ordenação**: uma visão funcional. 1994. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994.

MARTELOTTA, M. E. Operadores argumentativos e marcadores discursivos. *In*: MARTELOTTA, M. E. et al. **Gramaticalização**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras UFRJ, 2004. p. 30-50.

NASCIMENTO, E. P. do; SILVA, J. M. da. O fenômeno da modalização: estratégia semântico-argumentativa e pragmática. *In*: NASCIMENTO, E. P. do (org.). **Argumentação na Redação Comercial e Oficial**: estratégias semântico-discursivas em gêneros formulaicos. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012. p. 10-29.

NEVES, M. M. H. **Gramática de usos do português**. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

OLIVEIRA, T. P. Conjunções adverbiais no português. **Rev. Est. Ling.**, Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 45-66, jan./jun. 2014.

OLIVEIRA, M. R. de; ROSÁRIO, I. da C. do. **Linguística Centrada no Uso**: teoria e método. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

ROCHA LIMA, C. H. da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011 [1972].

RODRIGUES, V. V. Cláusulas desgarradas e seus usos. In: RODRIGUES, V. V. **Desgarramento de cláusulas em português**: usos e descrição. São Paulo: Blucher, 2019. p. 113-142.

RODRIGUES, V. V.; BARONI, G. do C. Cláusulas desgarradas e insubordinadas no português brasileiro. **Letras Escreve**, Macapá, v. 11, n. 1, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/letras>. Acesso em: 2. fev. 2023.

RODRIGUES, V. V.; FONSECA, P. R. S. S. da. Desgarramento de cláusulas hipotáticas circunstanciais no Facebook. In: RODRIGUES, V. V. **Desgarramento de cláusulas em português**: usos e descrição. São Paulo: Blucher, 2019. p. 143-170.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and Constructional Changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

ELY, LEYLA; CEZARIO, MARIA MAURA
CONCEIÇÃO. **ENTREPALAVRAS**. FORTALEZA,
V. 13, N. 1, E2579, P. 245-264, JAN.-
ABR. 2023. DOI: 10.2216S/2237-6321-12579